

Rosana Campos Leite UFMT/UNIRONDON Cuiabá-MT
Ana Arlinda de Oliveira UFMT Cuiabá-MT

PRÁTICAS DE LEITURA, JOVENS E EXPERIÊNCIAS DE UMA LEITURA HOMOGÊNEA.

Esta comunicação trata da relação entre leitura e leitores jovens. As questões orientadoras da pesquisa são: Qual é o lugar e o significado das experiências de leitura para cada indivíduo? Quais práticas de leitura caracterizam a juventude? Como é o universo leitor do jovem em relação as práticas de leitura evidenciadas em outras épocas? Mesmo vivendo hoje um cotidiano que insiste em reafirmar as dificuldades em encontrar o jovem leitor, e principalmente próximas à literatura e aos livros, percebe-se que as experiências de leitura de cada um são significativas. As leituras da juventude carregam, portanto, um referencial essencial para a formação do leitor adulto. Este trabalho buscou verificar práticas de leitura por quais se orientam os jovens no cotidiano.

Palavras-chave: práticas de leitura, leitores, experiências de diferenças

Rosana Campos Leite UFMT/UNIRONDON Cuiabá-MT
Ana Arlinda de Oliveira UFMT Cuiabá-MT

PRÁTICAS DE LEITURA, JOVENS E EXPERIÊNCIAS DE UMA LEITURA HOMOGÊNEA.

As questões que se colocam nessa pesquisa podem ser tratadas através das seguintes questões: Como se constituem as leituras da juventude enquanto referencial significativo para a formação do leitor adulto? Quais leituras, atitudes e maneiras de ler fazem parte do universo desse leitor? Quem é o leitor jovem e quais os interesses desse no campo da leitura?

Caso tenhamos em mente que o tempo de leituras de estudo é o mesmo das leituras ditas mais livres, temos que refletir que há um tempo onde se aloja a leitura escolarizada e outro dedicado às leituras de gosto particular. Ao enveredarmos pelo campo das práticas de leitura, buscamos o caminho das experiências de cada indivíduo. E, num entrecruzamento entre a história da juventude e a história da leitura, procuramos uma fundamentação que acomode as escolhas que permeiam uma leitura juvenil. Nesse sentido, caminhos da obrigatoriedade e do dever também caminham em paralelo com leituras prazerosas e de intimidade.

As crises em torno do ato de ler e, principalmente quando ligado ao livro tradicional de literatura, faz-nos surgir em meio a uma série de debates. O aluno lê aquilo que é indicado pelo professor? A leitura recomendada é desvinculada de prazer? Quem lê tece uma história desde a sua infância e juventude? Neste artigo abordamos alguns aspectos da dissertação de mestrado, *Experiências de leitura de leitores jovens de uma escola pública de Cuiabá Mato Grosso*, realizada a partir de uma pesquisa qualitativo-interpretativa em salas de primeiro ano do Ensino Médio de uma escola pública de Cuiabá, Mato Grosso. Este tipo de investigação mostrou-se como de maior proximidade ao objeto de pesquisa uma vez que trabalha com dados descritivos expostos em palavras. Há um recolhimento de informações, tais como as transcrições de entrevistas, que se colocam como os dados a serem analisados. Também há de se assumir que, nesse tipo de pesquisa, os modos e atitudes analisados constituem a relevância maior. O processo é nitidamente mais significativo do que os resultados ou produtos (Bogdan e Biklen, 1994, p.48-49).

No que tange mais especificamente ao campo do debate da leitura, procuro descrever as experiências de leitura de leitores jovens. Quais caminhos percorrem e que leituras estão mais próximas desses sujeitos leitores foram os questionamentos por mim levantados de forma a melhor compreender as práticas de leitura de jovens estudantes em salas de primeiro ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual localizada na região central de Cuiabá, Mato Grosso e com uma média de cinco mil alunos matriculados. Jovens estes, de classes sociais distintas e oriundas de bairros diversos, constituindo assim, uma comunidade bastante diversificada enquanto estudantes.

Para que pudesse aproximar-me dos interesses de leitura e examinar como se configura o ato de ler para leitores jovens, procurei apoiar-me, inicialmente, em autores que deram suporte para uma verificação de como se construiu historicamente a imagem de ser “jovem”. A idade, os costumes, os emblemas que abrigam a juventude em momentos distintos da história mundial, fizeram-me traçar um percurso inicial de referencial teórico de forma a procurar delinear como eram posicionados socialmente, se assim pode-se dizer, os jovens de épocas anteriores. A principal meta nesse sentido foi tecer algumas imagens escritas acerca das especificidades da juventude. A dificuldade de uma definição para o que seja de fato a juventude, orienta-se por um caminho de como foi construída a classe jovem em outros séculos enquanto condição cultural e social:

A juventude é o tempo dos apetites e de seu excesso. Assim ela aparece como a continuação direta da infância. Após a idade da fragilidade do corpo e das primeiras aprendizagens, vem a da fragilidade da alma e da razão. Por falta de freio e de governo, a juventude entrega-se ao mal (...) é preciso orientá-la. O desenvolvimento deve portanto ser espiritual após ter sido físico (Crouzet-Pavan, 1996, p.191)

A juventude no caso, acaba por se fazer relacionar, em muitos contextos, com a idade que referencia determinadas posturas. É a idade que prioriza imposições e restrições de forma a melhor conter-se. Surge como um período cujas fragilidades e falta de moderação nos atos coloca como necessidade à intervenção e a legitimação por parte de educadores adultos. Crouzet-Pavan (1996), ao relatar sobre a vida dos jovens na Itália Medieval, séculos XIII à XV, descreve-lhes como a idade dos exageros e, que por isso, requer orientações. Augusto Frascchetti (1996) ao discorrer sobre o mundo antigo, mais precisamente o mundo romano, irá comentar que, ser jovem, por essa época em Roma, também se apresentava mais como um conjunto social que pouco tinha de relação com funções biológicas. As classes etárias procuravam classificar as diversas fases da vida com uma visão não muito nítida de adolescente:

(...) Em Roma continuava-se *puer* até os quinze anos, a adolescência (*adulescentia*) durava dos quinze aos trinta, a juventude (*iuventia*) dos trinta aos 45 anos. Com leves alterações para Isidoro de Sevilha, no início do século VII D. C., a infância durava até os sete anos, a *pueritia* dos sete aos quatorze, a adolescência (*adulescentia*) dos quatorze aos 28, a juventude (*iuentus*) dos 28 aos 50 anos (Frascchetti, 1996, p.70).

Importante ressaltar que, neste tipo de classificação etária, a adolescência aparecia distinta da juventude. Ser jovem, nestes casos, era uma condição mais ligada à idade adulta. A juventude, nesses termos, era a medida para o início da vida adulta. O jovem era aquele que iria transpassar para uma fase aonde seria considerado então “homem”. O alongamento da adolescência e da juventude servia

a uma finalidade social. Na família, pais visando prolongar um maior poderio e jugo sobre seus filhos, faziam com que uma passagem de uma faixa etária a outra fosse bastante longa. Era o tempo de estancar conflitos de gerações e apontar aos filhos a quem estes deviam submissão.

No campo da leitura, busquei utilizar uma fundamentação teórica em relação à leitura e em torno da expressão “práticas de leitura”. As experiências em torno do ler, do livro e do leitor constroem uma rota com algumas considerações em torno da leitura e da história da leitura. O que deve ser o ato de ler ou até mesmo qual o tipo de leitura mais indicado para um melhor aproveitamento, passam por questões sobre o sentido que se necessita tomar à leitura. Ler, num sentido amplo, pode vir a ser tomar por referência as leituras não definidas como tal. Por essa conjuntura, Chartier (1999) reforça que a questão não reside em se fazer leituras pouco valoradas pela cultura dos cânones e sim, a apreensão destas. É claro que, mesmo se fazendo leituras “pouco recomendadas”, há de se chegar, por meio dessas práticas, a leituras mais avançadas. Segundo ele, não-leitores lêem, mas lêem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima (Chartier, 1999, p. 104).

Assim como Silva (1998) vê a leitura como um fator de suma importância para a formação crítica e, conseqüentemente, o aguçamento do leitor-cidadão, Chartier (1999) salienta que determinadas leituras, ainda que não tenham uma referência e importância significativa, podem transformar a visão do mundo, influenciando nas suas maneiras de agir e pensar. Abreu (1999), ao reportar-se às leituras de modo geral, diz que esta sempre estiveram no campo do permitido e recomendado ou do proibido. Atualmente o discurso que recomenda a leitura como algo de suma importância para a vida cotidiana, resolve por excluir determinadas leituras. Há um maior número de livros e de leitores, contudo, as escolhas de leitura configuram-se em muitos casos, como leituras ruins.

Por outra via, o ato de ler também é colocado quase que como uma paixão involuntária e o livro sendo amparado com avidez e assumindo uma situação na qual o leitor quase o “devora” situa um pouco a compulsividade em torno do objeto livro. A leitura vista como uma metáfora do alimento é demonstrada por Manguel (1997) como uma imagem que registra o impacto e o efeito que a leitura acarreta no leitor:

Tal como escritores falam em cozinhar uma história, misturar os ingredientes do enredo, ter idéias cruas, para uma trama, apimentar uma cena, acrescentar pitadas de ironia, pôr molho, retratar uma fatia de vida, nós os leitores, falamos em saborear um livro, encontrar alimento nele, devorá-lo de uma sentada, ruminar um texto, banquetearmos-nos com poesia, mastigar as palavras do poeta, viver numa dieta de romances policiais (Manguel, 1997, p.198)

A leitura cuja condição é a da necessidade diária, salienta o reflexo de uma atividade que não pode ser descartada do hábito. Ler por horas ou ficar numa situação de “encantamento”, constitui-se na essência do leitor que se aventura com o livro. O livro como companheiro ou como uma paixão surge em momentos de constante necessidade. Mindlin (1999) relata sobre suas paixões pelos livros e como

estes sempre o fizeram adentrar por sensações diversas. O leitor comprometido com a leitura diária intercala situações cotidianas a atividade de leitura que não pode ser deixada nunca de lado. Para isso, há a questão de se fazer uma reserva para algo que se considera essencial: a leitura.

Na intersecção desse caminho, procuramos verificar as leituras ditas mais escolarizadas e aquelas cuja tônica recai em um contexto de maior liberdade e gosto particular. Nesta pesquisa, a partir dos relatos dos entrevistados, foi verificada uma forte presença de leituras disciplinares no cotidiano dos jovens. Leituras escolares, conforme consta em nossa análise, prioritariamente, configuram-se no Âmbito das leituras obrigatórias. Para esse jovens, no caso, as leituras escolarizadas mais do que uma experiência, estão num ponto limite entre a exigência, ordem do “outro” e o gosto a se instaurar.

A evidência de uma experiência “mandada” retira do processo de formação desse leitor a busca por uma leitura integralmente autêntica e prazerosa no espaço escolar. A esse espaço são destinadas as experiências do dever e da subordinação. Os jovens na maioria dos casos evidenciam uma leitura que é a do “outro”. A leitura que foi “mandada”, mais se alimenta de uma ordem e de uma imposição. Por esse viés, surge para esse jovem leitor, uma leitura como uma rotina sem muitas definições e motivações. Assim como os jovens de outras épocas ocupavam-se de uma rotina de afazeres e aprendizagens disciplinadoras, os jovens da contemporaneidade também estão em uma posição feita de restrições e de determinadas posturas a seguir.

A leitura literária escolar, na maioria das vezes, é uma experiência de leitura que se faz representar pela elencação de vários títulos por parte dos mesmos. As leituras literárias ditas mais canônicas são considerados livros “solicitados” para uma atividade de literatura e, sob essa ótica, lidos por conta de uma imposição disciplinar. Ainda no campo das leituras disciplinares há de se considerar que as leituras indicadas, utilitárias ou necessárias passam por um campo da obrigatoriedade. A subordinação diante daquele que estabelece qual leitura deverá ser feita e leitura com uma finalidade: é para apresentação, para prova, para responder questionário. Subordinação esta a uma leitura necessária apenas para se ter acesso a uma informação é uma situação a se considerar no universo de formação de leitores jovens.

Em outro momento, encontramos a face das leituras particulares com o histórico das experiências de escolhas dos livros. O legado individual de leituras surge e remete para um universo leitor. Distanciando-se de questões que envolvem o não ler ou problemas de leitura e até mesmo uma leitura disciplinar, as leituras particulares estão preenchidas por uma intimidade desvelada pelo leitor jovem. Nesse universo, as leituras do gênero romance surgem como preferência no cenário de leitura. Leituras de prazer que representam a vida de pessoas comuns caem no gosto e na popularidade dos jovens leitores. Também as leituras livres e num universo pessoal do jovem revelam as intimidades e temáticas que os fascinam. Relações amorosas, familiares e conflitos estão presentes em um número considerável de obras citadas pelos leitores jovens. A leitura de *best-seller* também é

bastante presente nas leituras descritas por eles. O encantamento com o ato de ler, as leituras consideradas mais próximas e as leituras envoltas com a mídia aparecem na procura dos jovens leitores.

Tendo em vista o que foi apresentado aqui, verifico que precisamos olhar com mais atenção quando relatamos sobre a diminuição do interesse pelos livros e pela leitura. A escola necessita de mecanismos para aproximar-se desse universo leitor do jovem. Ter um conhecimento e afinidade com a liberdade que os jovens leitores descrevem sobre suas experiências de leitura e seus interesses e gostos particulares para o ler. Para verificarmos a leitura enquanto um abandono íntimo, a leitura enquanto fascinação, leituras provocativas, a leitura para aprender e todas as situações que cumpram a proposta de formação intelectual dos jovens e das crianças leitoras tem-se de pensar que tornar-se leitor é uma construção cumulativa e uma conquista que se inicia nas primeiras leituras, as quais, geralmente, passam despercebidas no nosso cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. (Org.) **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

BOGDAN, Robert C. e BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

CROUZET-PAVAN, Elisabeth. "Uma flor do mal: os jovens na Itália Medieval. In Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt (Org.) **História dos jovens 1: da Antiguidade à era moderna**. Trad. Claudio Marcondes, Nilson Moulin, Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MINDLIN, José. "O bibliófilo e a leitura" In: Márcia Abreu (Org.) **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e Leitura: ensaios**. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil (ALB), 1998.